

DESALENTADOS: Os Novos Dados do (Des)emprego no Brasil

Marcos Mendes de Lucena¹
Leonardo de Jesus Marinho Viana²

RESUMO

Este artigo é uma abordagem sobre os índices atuais do mundo do trabalho, apontando os principais aspectos do desemprego e o desalento diante da classe trabalhadora no Brasil. O desemprego hoje é um fenômeno real, progressivo, grave e que atinge o país inteiro, colocando em risco a subsistência dos trabalhadores e suas famílias. Dentro desse conceito foi analisado o inédito dado divulgado nas pesquisas brasileiras referente aos trabalhadores desalentados, também conhecido como desemprego oculto, que devido a desistência do trabalhador em procurar trabalho no mercado, os mesmos ficam de fora dos números de desempregados contabilizados pelas pesquisas e censos.

Palavras chaves: Trabalho, Desemprego, Desalentados.

ABSTRACT

This article is an approach on the current indexes of labor, pointing out the main aspects of unemployment and discouragement in work-people. Unemployment today is a real, progressive and serious phenomenon that affects the whole country, putting at risk the subsistence of workers and their families. Within this concept was analyzed the recent data disclosed in the Brazilian surveys concerning discouraged workers, also known as hidden unemployment, that in due of the worker's desistance of search for a job, they are out of the numbers of unemployed accounted in the researchers .

Keywords: Work, Unemployment, Discouraged.

¹ Mestrando em Desenvolvimento Socioespacial e Regional pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, pós graduado em Controladoria e Auditoria, pós graduado em Gestão tributária e graduado em Ciência Contábeis pelo Universidade Tocantinense Presidente Antônio Carlos - UNITPAC

² Mestrando em Desenvolvimento Socioespacial e Regional e graduado em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, graduado em Gestão Ambiental pela Faculdade Santa Teresinha – CEST.

1. INTRODUÇÃO

Na construção da trajetória ao longo dos últimos anos no modo como a sociedade e o homem vem se constituindo, há de considerar que o trabalho seja a categoria central da vida. O trabalho é uma condição essencial da vida humana, foi uma das vias pelo qual os homens se diferenciaram da condição de animal e constituiu-se como ser humano.

O trabalho é uma ocupação vital para qualquer ser humano que dispõe de capacidade, energia e saúde, pois é através do trabalho que as pessoas conseguem se sentir úteis, necessárias, estabelecendo a grande parcela de suas relações sociais, trabalhando a autoestima e o próprio significados a vivência.

No debate social é visível a demonstração como o homem ao produzir algo, através do trabalho, constitui formas clara de sociabilidade, meio e modos de pensar e intervir nos processos sociais, pois o mundo do trabalho é uma inter-relação com a sociedade.

Para Marx; Engels (1999 p.75), a importância do trabalho para os indivíduos é essencial, é a atividade que transforma e altera a realidade social, pois os indivíduos são definidos de acordo com condições materiais de sua produção.

E nessa premissa do mundo do trabalho nos deparamos com o cenário de grandes impactos ligados a globalização, à aplicação de novas tecnologias, e muitos outros fatores onde alguns estudos afirmam que está ocasionando aumento de desemprego e cada vez mais a diminuição de postos de trabalho em diversos setores da economia.

Ligado a isso, temos acompanhado a evolução de classes de trabalhadores fora da força de trabalho ou mercado de trabalho por motivos ligados ao desalento, onde tem sido bastante debatida e discutida, tendo em vista o percurso de crescimento que vem tomando nos últimos períodos e principalmente pela inédita divulgação dos números pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) através do PNAD Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) no 4º trimestre de 2017.

2. DESEMPREGO, VULNERABILIDADE GLOBAL-BRASIL

Nos últimos anos têm sido analisados e descritos as notáveis mudanças e transformações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho; as exposições sobre esse cenário, acompanhado das avaliações de suas implicações sociais, não alcançam entendimentos unânimes, ao oposto disso, estão resultando em conclusões divergentes e controversias.

A questão é que estamos vivendo um longo período de transição e crise no mundo do trabalho, e que não há previsão de fim, tanto no sentido material e quanto psíquico, onde isto está ocasionando consequências consideráveis no comportamento das pessoas.

Rossi; Oliveira [entre 2005-2018, p. 01] afirmam que o atual debate social apresenta geralmente o desemprego como o resultado de três fatores emergentes: a mundialização dos mercados, a introdução de uma tecnologia e o fim de uma era de crescimento econômico sustentado, que garantia o pleno emprego.

Antunes (2007) aponta a redução dos postos de trabalho que se segue desde a década de 1980. Na Europa, em países como a França houve uma redução notável do número de trabalhadores; de 8,118 milhões em 1975, passou para 7,121 milhões em 1989, representando 29,6% da população ativa; na Itália, em 1990, os operários representavam 30% dos trabalhadores; no Canadá, essa redução também era esperada, com estimativas de 25% nos anos 2000. A retração dos trabalhadores da indústria permanece crescente nos últimos anos. Dados do Banco Mundial mostram que, em 2014, os países citados empregam, respectivamente, 20,5%, 27,1% e 19,8% nesse setor. Os Estados Unidos, um dos países de capitalismo desenvolvido, apresentam a taxa de 17,2 % e o Brasil 22,9% de trabalhadores na indústria.

A ONU (Organização das Nações Unidas), (2018) publicou uma matéria reportando as projeções do relatório da OIT (Organização Internacional do Trabalho) onde segundo a matéria a economia global está se recuperando num contexto de crescimento da força de trabalho; segundo a OIT a taxa de desemprego global se estabilizou após um aumento em 2016; nas projeções indicaram que a taxa chegou a 5,6% em 2017, o que representa mais de 192 milhões de pessoas desempregadas no mundo.

Embora o desemprego global tenha se estabilizado, os déficits de trabalho decente continuam generalizados e a economia global ainda não está criando empregos suficientes. Esforços adicionais devem ser implementados para melhorar a qualidade dos empregos para os trabalhadores e assegurar que os ganhos de crescimento sejam compartilhados de forma equitativa”, afirmou o Diretor-Geral da OIT, Guy Ryder. ONU (2018)

Estima-se que cerca de 1,4 bilhão de trabalhadores estavam em empregos vulneráveis, que engloba os trabalhadores por conta própria, trabalhadores familiares auxiliares e assalariados sem registro em 2017, índice esse paralisado e sem evolução desde 2012; e nos países em desenvolvimento, o emprego vulnerável afeta três em cada quatro trabalhadores.

Druck (2013) apud Silva e Cavaignac (p. 6, 2018) apresenta o desemprego como a condição mais precária e vulnerável do trabalhador, pois é no bojo desta que ocorre sua dominação pelo empregador.

A condição de desempregado e a ameaça permanente da perda do emprego têm se constituído numa eficiente estratégia de dominação do âmbito do trabalho. O

isolamento e a perda de enraizamento, inserção, vínculos e perspectivas de identidade coletiva, decorrentes da descartabilidade, da desvalorização e da exclusão, são condições que afetam decisivamente a solidariedade de classe. Esta é minada pela brutal concorrência que é desencadeada entre os próprios trabalhadores e estimulada conscientemente pelo capital por meio da gestão do medo e da chantagem. Uma vulnerabilidade social cujos traumas ainda estão por compreender e analisar no contexto atual, especialmente entre as novas gerações, que não conseguem se inserir no mercado de trabalho (DRUCK (2013) apud SILVA E CAVAIGNAC (p. 6, 2018)).

Nesse relatório da OIT (2018) foi divulgado que o desemprego na América Latina e Caribe em 2014 era de 6,1%, chegando a 8,2% em 2017; no norte da África a taxa de desemprego chegou a 11,7% em 2017; na América do Norte a taxa de desemprego chegou a 4,7% em 2017; no Norte, Sul e Oeste da Europa a taxa de desemprego tenha diminuído de 9,2% em 2016 para 8,5% em 2017, a menor desde 2008; no Leste da Europa 5,5% em 2017, na Ásia Central, taxa de desemprego regional em torno de 8,6% em 2017.

Em janeiro desse ano, a ONU (2019) publicou dados do relatório da OIT referente ao ano de 2018, onde:

- Mais de 3,3 bilhões de pessoas empregadas no mundo em 2018 não tinham níveis adequados de segurança econômica, bem-estar material ou oportunidades para avançar.

- No total, 172 milhões de pessoas não tiveram emprego em 2018;

- Essa taxa de desemprego, apenas retornou a níveis vistos antes da crise financeira de 2008-2009;

- Mais de 700 milhões de pessoas estão vivendo na extrema ou moderada pobreza apesar de terem emprego;

- 360 milhões de pessoas trabalhavam em 2018 em empresas familiares, e 1,1 bilhão por conta própria — frequentemente em atividades de subsistência, na ausência de oportunidades de emprego no setor formal ou falta de sistemas de proteção social;

- Menos de 48% das mulheres trabalham; frente a 75% dos homens;

- Setor informal — com 2 bilhões de trabalhadores, ou 61% da força de trabalho global;

A Trading Economics (2019)³ divulgou um relatório relativo aos índices de desemprego na esfera mundial, onde foi destacado os 10 países com o maior índice e outros relevantes:

ÍNDICE DE DESEMPREGO POR PAÍS			
POSIÇÃO	PAÍS	ÍNDICE	DATA PESQUISA/ DIVULGAÇÃO

³ A Trading Economics é uma organização que fornece informações precisas para 196 países, incluindo dados históricos de mais de 20 milhões de indicadores econômicos, taxas de câmbio, índices do mercado de ações, rendimento de títulos do governo e preços de commodities. Os dados divulgados são baseados em fontes oficiais, e não em provedores de dados de terceiros, segundo eles que todos os fatos são verificados regularmente quanto a inconsistências. A TradingEconomics.com recebeu mais de 500 milhões de visualizações de páginas de mais de 200 países.

01°	Congo	46.10	12/2013
02°	Bósnia-Herzegóvina	34.48	01/2019
03°	Namíbia	34.00	12/2016
04°	Kosovo	31.40	12/2018
05°	Palestina	29.10	12/2018
06°	Lesoto	27.25	12/2017
07°	África Do Sul	27.10	12/2018
08°	Suazilândia	26.40	12/2017
09°	Moçambique	25.04	12/2017
10°	Nigéria	23.10	09/2018
16°	Grécia	18.00	12/2018
26°	Iraque	14.80	12/2017
27°	Espanha	14.45	12/2018
33°	Colômbia	12.80	01/2019
38°	Brasil	12.00	01/2019

Quadro 01;

Fonte: Trading Economics (elaborado pelo autor)

Conforme dados divulgados acima, confirma os dados divulgado pelo IBGE (2019), através do PNAD Contínua, divulgado em fevereiro de 2019, referente ao trimestre: novembro, dezembro e janeiro de 2019, onde a taxa de desocupação ficou em 12,00%, a mesma divulgada pelo Trading Economics.

Atualmente no Brasil, as principais pesquisas no campo de mercado de trabalho e emprego desenvolvidas são: a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) do Sistema Estadual de Análise de Dados – SP (SEADE) e do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos (DIEESE), (CAGED) - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do MTE – Ministério do Trabalho e Emprego.

Segundo o IBGE (2010), um indivíduo pode ser considerado como desempregado quando a mesma está sem trabalho e à procura de uma ocupação no mercado de trabalho. No entanto, ressaltamos o fato de que o IBGE tem considerado apenas a manifestação do desemprego em sua forma imediata, ou seja, o considerado desemprego aberto.

A PED (1999) conceituou o desemprego da seguinte forma:

- Desemprego aberto: pessoas a procura de trabalho nos trinta dias anteriores à realização da pesquisa e que não tinham nenhum trabalho nos sete dias anteriores.

- Desemprego oculto pela precariedade: pessoas a procura de trabalho nos trinta dias anteriores à realização da pesquisa, ou nos últimos doze meses, e que se encontravam realizando, de forma irregular, algum trabalho remunerado (em espécie ou benefício) ou algum trabalho não remunerado de ajuda a membros da família em seus negócios.

- Desemprego oculto pelo desalento: pessoas sem trabalho que não estavam à procura de trabalho nos últimos trinta dias por desencorajamento, mas que estiveram à procura efetiva de trabalho nos últimos 12 meses

3. DESALENTO E DESALENTADOS: A FACE DO DESEMPREGO OCULTO NO BRASIL

A palavra desalento significa fazer perder o alento, desanimar, esmorecer; onde baseado na definição da palavra desalento pode-se deduzir a palavra desalentado com algo ou alguém que perdeu o alento, desanimou ou esmoreceu (DESALENTO, 2019)

Segundo Corrêa (2018) considera-se desalentada a pessoa que não procurou mais trabalho porque acredita que é jovem demais, idosa demais ou que não conseguiria emprego diante do cenário econômico atual.

O efeito desalento foi introduzido por Long (1953) apud Gonzaga e Reis (2011), tendo o seu surgimento, em momentos de crise e recessão, quando os salários esperados e a probabilidade de conseguir uma vaga no mercado de trabalho são mais baixos, onde trabalhadores desempregados optam por deixar de procurar emprego, o que provoca uma queda na taxa de participação na força de trabalho.

Para entender esse fenômeno é necessário mostrar a evolução da parcela de três subgrupos da população em idade ativa, a saber (IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2018):

- Pessoas que gostariam de trabalhar, mas que não procuraram trabalho no mês de referência da Pnad Contínua por se sentirem desalentadas;

- Pessoas que gostariam de trabalhar, mas que não procuraram trabalho no mês de referência da Pnad Contínua por outro motivo;

- Pessoas que não gostariam de trabalhar.

Esses trabalhadores fazem parte de um grupo que somam 26,4 milhões de pessoas no quarto trimestre de 2017 segundo o IBGE (2018), formado pelos brasileiros que se encontram no grupo da “subutilização da força de trabalho”, onde englobam além dos desalentados, os

desempregados, os que trabalham menos horas do que gostariam e aqueles que estavam disponíveis para emprego, mas não podiam assumir por outros motivos.

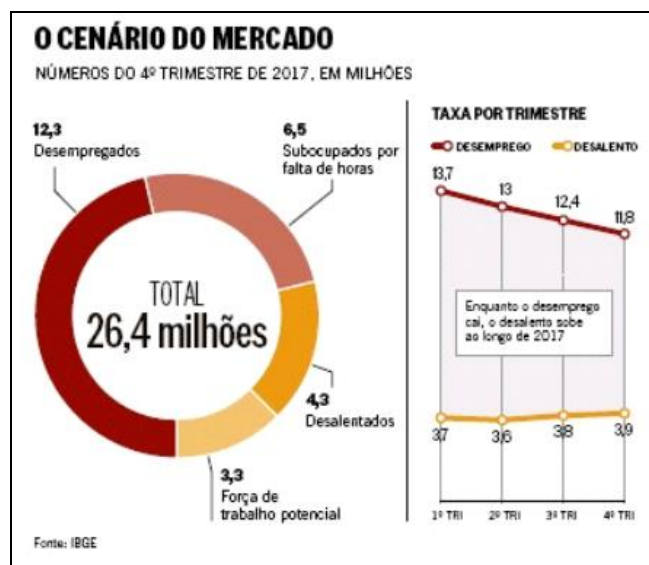


Gráfico 01
Fonte: IBGE (2018)

Ainda sobre os números dos índices divulgados recentemente e demonstrado acima, o mercado de trabalho mostrou uma leve recuperação gradual desde meados do ano de 2018, porém a crise que aparentemente começou a ser superada deixou um índice preocupante nos indicadores: que é o número recorde de pessoas no Brasil que, diante do cenário atual do mercado e as dificuldades enfrentadas desistiram de procurar emprego, onde Segundo dados divulgados primeira vez pelo IBGE (2018) o contingente dos chamados desalentados chegou a 4,3 milhões de pessoas.

Outro dado importante IBGE (2018) sintetiza o perfil predominante dos desalentados, conforme gráfico abaixo:



Gráfico 02
Fonte: IBGE (2018)

Os dados do perfil traçado acima em gráfico fazem parte da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua Trimestral, que trouxe informações sobre desalento pela primeira vez em 2017, onde apontou que os maiores índices de trabalhadores nessa condição são os jovens de 18 a 24 anos com 22%, trabalhadores de 30 a 39 anos com 17,6% e de 40 a 49 anos com 15%.

Foi apontado também o perfil dos trabalhadores desalentados por nível de instrução, onde o maior percentual apresentado foi entre os trabalhadores com ensino fundamental incompleto com 42,1%, seguido dos trabalhadores com apenas o ensino médio com 22,3% e os trabalhadores com ensino fundamental completo com 10,8%.

O IPEA (2018), também pontuou em sua pesquisa o perfil dos desalentados no Brasil, onde foi constatado que 60% dos trabalhadores desalentados estão na região Nordeste do país; sendo o maior índice entre os trabalhadores do sexo feminino, jovens entre 14 e 24 anos, e trabalhadores com ensino fundamental incompleto.

	2017				2018		PIA (%) (2º trim./2018)
	1º trim.	2º trim.	3º trim.	4º trim.	1º trim.	2º trim.	
Centro-Oeste	3,4	4,0	4,0	4,5	4,2	4,4	7,6
Nordeste	59,8	57,8	59,2	58,7	60,0	59,0	27,0
Norte	10,7	10,5	11,4	10,3	11,3	10,9	8,1
Sudeste	20,9	22,3	19,8	21,3	20,2	21,4	42,8
Sul	5,2	5,4	5,6	5,2	4,4	4,3	14,5
Masculino	44,6	44,1	43,9	43,7	44,9	45,3	47,6
Feminino	55,4	55,9	56,1	56,3	55,1	54,7	52,4
De 14 a 24 anos	39,2	38,5	36,7	36,5	38,3	36,3	21,0
De 25 a 39 anos	25,9	24,7	25,6	25,9	26,0	26,1	28,1
De 40 a 59 anos	24,5	25,1	25,7	26,4	25,3	25,6	32,0
Mais de 59 anos	10,4	11,7	12,0	11,3	10,3	12,0	19,0
Não chefe família	72,0	71,3	69,9	70,1	70,4	69,2	58,1
Chefe família	28,0	28,7	30,1	29,9	29,6	30,8	41,9
Fundamental incompleto	50,3	52,0	52,9	51,9	48,5	50,0	36,5
Fundamental completo	11,9	11,2	10,7	10,7	11,5	11,0	9,2
Médio incompleto	10,8	11,1	9,8	10,0	10,3	10,8	7,9
Médio completo	22,0	21,0	21,3	21,8	24,2	22,8	27,4
Superior	5,0	4,8	5,3	5,6	5,5	5,3	19,0

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Quadro 02
Fonte: IPEA

Detalhando o quadro da pesquisa acima, os dados do Ipea mostraram que, embora as pessoas entre 18 e 24 anos representem 15% da população em idade ativa no mercado de trabalho, elas também correspondem a mais de 25% dos desalentados no país. Já os trabalhadores de menor escolaridade são 37% da população em idade ativa, mas chegam à metade dos desalentados, sendo que dos trabalhadores em idade ativa no mercado de trabalho,

27% vivem na região Nordeste, no entanto, uma parcela desproporcionalmente maior dos desalentados, de 60% como já falado anteriormente.

Segundo o IPEA (2018), isso reflete a característica do mercado de trabalho local nordestino, que tem os índices de desemprego mais alto, mais informalidade entre os trabalhadores. Importante destacar também que, apesar dos índices de desalento é ligeiramente maior entre as mulheres, está havendo um crescimento de trabalhadores desalentados no grupo considerado de melhor inserção no mercado de trabalho, que são os trabalhadores mais velhos, homens e chefes de família".

Um dado importante nesse cenário é o tempo médio de busca por trabalho no Brasil. Segundo dados, Pesquisa Mensal de Emprego (PME) (1997), o tempo médio de procura de trabalho nas seis maiores regiões metropolitanas brasileiras no período de 1997 até 2018 ampliou, indo de nove semanas (2,07 mês), para 29 semanas (6,67 mês) em Porto Alegre, de onze (2,53 mês) para 25 semanas (5,75 mês) em São Paulo, de treze (2,99 mês) para 24 semanas (5,52 mês) no Rio de Janeiro, de catorze (3,22 mês) para 22 semanas (5,06 mês) em Recife, de dezesseis (3,68 mês) para dezenove semanas (4,37 mês) em Salvador e de sete (1,61 mês) para doze semanas (2,76 mês) em Belo Horizonte; ou seja, a busca por trabalho já estava mais difícil e árdua, e isso atingiu tanto os grupos em situação de desemprego aberto como o conjunto dos que buscam uma ocupação.

O SPC (Serviço de Proteção ao Crédito) Brasil e o e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) (2018) em pesquisa divulgada ano passado mostrou que o trabalhador brasileiro atualmente está levando mais tempo ainda para encontrar um emprego, onde em 2017, a espera foi de 14 meses, dois meses a mais que em 2016, quando o prazo médio de recolocação era de 12 meses.

Goffmann, (1988) apud Caldana e Figueredo (p. 21, 2012) a questão é que o desemprego gera desqualificação que por sua vez estigmatiza e culpabiliza: ao perder o emprego o trabalhador é marcado com o sinal da incompetência, trazendo uma estigmatização desses trabalhadores, pois eles são vistos como fracassados, sem qualificação e, portanto, culpadas por não serem bom o suficiente para conseguir um emprego, o que pode tornar ainda mais difícil o retorno destes trabalhadores no mercado de trabalho.

4. CONCLUSÃO

É importante consumir a importância do trabalho ao indivíduo, pois é através do mesmo que é concretizado seus ideais e constrói bens necessários à sua sobrevivência, e sem ele a existência está ameaçada, no sentido da própria sobrevivência e bem-estar do indivíduo, pois o trabalho carrega consigo uma índole de intermediação entre o ser humano e a sociedade, propiciando o engajamento do indivíduo no social estabelecendo e expandindo relações entre as pessoas.

Os diversos pontos analisados no decorrer do artigo nos mostram que diante das fortes modificações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho, como o estouro do desemprego, precarização, vulnerabilidade, a diminuição dos postos de trabalho em todos os segmentos e setores com indústria e serviços, e apesar das medidas mundiais de enfretamento ao problema, nada tem sido capaz de conter ou trazer avanços.

O desalento e os altos índices de desemprego no Brasil é um reflexo de uma crise política e econômica sem precedentes, sendo que o país amarga os efeitos do baixo crescimento, o que reflete em falta de investimentos, e uma infraestrutura precária, e educação insuficiente e precarizada; sendo os reflexos desses fatores e muitos outros que desde a infância de cada trabalhador é responsável pela baixa qualificação da mão-de-obra e falta de oportunidades, e a partir daí causar todas as questões apresentadas acima, levando os trabalhadores ao desalento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R. Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 12.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

CALDANA, Adriana Cristina Ferreira. FIGUEIREDO, Marco Antonio de Castro. Desemprego e Subjetividade: Estratégias de Inclusão Social e Sobrevivência. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n22/03.pdf> >. Acesso em 17 mar. 2019.

CARDOSO, Adalberto Moreira. A Construção da Sociedade do Trabalho no Brasil. Uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades. 2 ed. Rio de Janeiro, Amazon, 2019.

CORRÊA, Marcello. 4,3 milhões desistem de procurar emprego. Disponível em < http://www.ie.ufrj.br/intranet/ie/userintranet/ienamidia/arquivo/100320181156_O_Globo.pdf >. Acesso em 17 mar. 2019.

DESALENTO. Dicionário online Aurélio, 17 mar. 2017. Disponível em < <https://dicionariodoaurelio.com/desalento> >. Acesso em 17 mar. 2019.

DIEESE. Metodologia para a realização de diagnósticos de mercado de trabalho com a participação dos atores sociais. São Paulo: Dieese, 2006.

GONZAGA, Gustavo. REIS, Mauricio Cortez. Oferta de trabalho e ciclo econômico: os efeitos trabalhador adicional e desalento no Brasil. Rev. Bras. Econ. [online]. 2011, vol.65, n.2, pp.127-148. ISSN 0034-7140. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71402011000200002>>. Acesso em 27 de mar de 2019.

IBGE. Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010a. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em 15 de mar de 2019.

_____. Pesquisa Mensal do Emprego Outubro 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

_____. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2010c. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=quadro-sintetico> >. Acesso em 15 de mar de 2019.

ILO. World Employment and Social Outlook – Trends 2018. Disponível em < <http://ilo.org/global/research/global-reports/weso/2018/lang--en/index.htm>>. Acesso em 24 de mar de 2019.

ILO. World Employment and Social Outlook - Trends 2019. Disponível em <<https://www.ilo.org/global/research/global-reports/weso/2019/lang--en/index.htm>>. Acesso em 24 de mar de 2019.

IPEA. Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise; Ministério do Trabalho. – v.1, n.0, Brasília: 2018.

MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

ONU. OIT: desemprego e déficits de trabalho decente continuarão altos em 2018. Publicado em 22/01/2018. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/oit-desemprego-e-deficits-de-trabalho-decente-continuarao-altos-em-2018/>>. Acesso em 19 de mar de 2019.

ONU. OIT: desemprego cai no mundo, mas condições de trabalho não melhoram. Publicado em 13/02/2019. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/oit-desemprego-cai-no-mundo-mas-condicoes-de-trabalho-nao-melhoram/>>. Acesso em 19 de mar de 2019.

ROSSI, Thaine; OLIVEIRA, Edson Aparecida Araújo Querido. A Questão do Desemprego no Brasil. Disponível em <<http://biblioteca.univap.br/dados/INIC/cd/inic/IC6%20anais/IC6-115.PDF>>. Acesso em 21 mar. 2019

SILVA, Karine Carneiro de Oliveira; CAVAIGNAC, Mônica Duarte. Desemprego, Informalidade e Precarização do Trabalho no Capitalismo Contemporâneo. Disponível em < http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/425-51347-14072018-185256.pdf. Acesso em 25 mar. 2019

SPC; CNDL. O Desemprego e a Busca Por Recolocação Profissional no Brasil Fevereiro 2018. Disponível em <<https://www.spcbrasil.org.br/wpimprensa/wp-content/uploads/2018/02/An%C3%A1lise-Perfil-do-Desempregado-e-Recoloca%C3%A7%C3%A3o-Profissional-018.pdf>>. Acesso em 19 de mar de 2019.

TRADING ECONOMICS. Unemployment Rate - Forecast 2019-2021. Disponível em <<https://pt.tradingeconomics.com/country-list/unemployment-rate>>. Acesso em 15 de mar de 2019.